

A Representação do Nordeste na MPB: lugar de fala sobre o semiárido e suas manifestações político-poéticas ¹

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT 060) Comunicação e Semiárido, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

Emanuel de Andrade Freire²

RESUMO

O presente artigo busca investigar a representação do Nordeste, na Música Popular Brasileira e as manifestações político-poéticas de um grupo seletivo de compositores a partir de abordagens de suas canções como lugar de fala sobre o semiárido brasileiro. As abordagens serão pontuadas através de recortes de composições populares específicas, construídas por seus autores letristas/compositores de origem nordestina que ajudaram a construir o cancioneiro brasileiro com propriedade artística que, na atualidade, continuam ganhando força midiática em vários aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: Semiárido; Comunicação; MPB; Cancioneiro

Quando se fala do semiárido brasileiro, a primeira imagem que surge é a de uma região de natureza severa e bastante inóspita, que se caracteriza principalmente pela irregularidade das chuvas e pelas altas taxas de evapotranspiração, elementos que juntos contribuem para o risco constante de escassez hídrica. Por outro lado, tanto quanto a seca é parte indissociável, segundo o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), o fenômeno das monções torrenciais, que caem eventualmente em períodos curtos e provocam cheias, reavivando os milhares de rios e lagos intermitentes, devolvendo pujança à vegetação e ajudando a recuperar os reservatórios.

Assim, há uma dicotomia climática que torna o Semiárido ao mesmo tempo um dos mais habitáveis do mundo e uma região particularmente suscetível às mudanças climáticas, ra-

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT 060) Comunicação e Semiárido, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Emanuel Andrade é jornalista, doutor em Ciência da Comunicação, pela Eca- USP, e professor do curso de Comunicação Social Jornalismo em Múltiplos Meios, da Universidade do Estado da Bahia (Uneb)

ção pela qual sua climatologia conta com diversos monitoramentos científicos e com a sabedoria popular do povo sertanejo. Além do jornalismo brasileiro que há mais de meio século vem retratando de várias formas, muitas vezes apelativa, as problemáticas socioeconômicas e ambientais nos estados do Nordeste, a Música Popular Brasileira também funciona como um veículo que traduz através de seus autores a pluralidade temática sobre a vida e as manifestações de seu povo.

Nesse lugar de produção – por meio da linguagem musical- que a imprensa e seus críticos de arte estabeleceram como a sigla MPB, destacaremos trechos de letras musicadas de alguns autores nordestinos a exemplo de Luiz Gonzaga(Pernambuco), Raimundo Fagner e Patativa do Assaré (Ceará), João do Vale (Maranhão) do Maranhão e Djavan (Alagoas). Há diversas canções que abordam o semiárido brasileiro, muitas vezes retratando a seca, a luta pela sobrevivência como também, a beleza da região. Algumas das mais conhecidas incluem "Asa Branca" de Luiz Gonzaga, que se tornou um símbolo da seca no sertão, e "Baião da Garoa", também de Luiz Gonzaga, que fala sobre a esperança da chuva.

Uma canção que aborda o semiárido no viés de seu cenário natural, é da cantora e compositora Maíra Salles, natural do Rio Grande do Norte. Batizada de ‘Semiárido’, na música ela faz uma abordagem de seu cenário natural pela beleza, mas também questionador sobre seus problemas sociais como a estiagem recorrente, como descreve em parte da letra : “Discuto, insisto, devo concordar? / A vida ensina e nos transforma em normais/ Em tempo seco nuvem de desfaz/ Canto (rogo) pra chuva terra vir molhar/ Fazer crescer da ignorância dos mortais/Ave de asa colorida/ Sabe da pena que tem/ Não faz ninho em galho seco/ Estiagem vai e vem/ Canta livre, passarinho (...) Na Caatinga cantou um semiárido, piu / Carcarás e acauãs/ Canários e colibris/ Corujas e gaviões

A relação entre a MPB e a mídia, de certa forma, nos possibilita compreender como os meios influenciam na divulgação e popularização desse cancioneiro. A temática da seca se faz presente na realidade do nordestino tanto no sentido de proximidade geográfica como no discurso recorrente que aponta o fenômeno como a responsável pelo atraso econômico de uma das maiores regiões do país. Por outro ângulo, o cenário das consecutivas secas que atingiram o semiárido do Nordeste brasileiro nos últimos 60 anos sempre esteve presente em narrativas poético-musicais, abrindo um debate através de seus discursos sobre o fenômeno natural. De forma lúdica, percebe-se a perspectiva de

mundo e vivências de quem conhece de perto o problema e sabe distingui-lo em relação aos que produzem conteúdos estereotipados sobre o tema.

Sob a ótica de vários pesquisadores sociais, a seca é apontada como fator determinante para a demarcação da região Nordeste. “O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.120). Os primeiros relatos sobre a problemática datam de 1552, três anos após a chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Souza, ao recém-descoberto Brasil (VILLA, 2000, p.17). Desde então, uma construção histórica realizada, em alguns casos, através da música, dos filmes, da mídia e da literatura fizeram com que o Nordeste, muitas vezes, fosse associado à ideia de seca - longe de formarem a imagem definitiva da região, porém, contribuindo para a construção do imaginário popular sobre este território.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) observa que a crítica literária passa a explicar até mesmo o estilo dos autores nordestinos, a partir das imagens ligadas a este espaço:

Os autores são áridos, secos, pontiguados, lembram o deserto, o cacto. A identidade do autor é estabelecida com base na relação dele e de suas obras com o espaço que quer representar embora alguns, como Graciliano Ramos, procurem realmente afirmar no próprio estilo, na textura da linguagem, na sua forma de expressão, a imagem da região que constrói (ALBUQUERQUE, 2011, p.124).

Nesse contexto, o professor reflete sobre a retórica das secas e traz à luz do debate argumentos mais fortes na construção de soluções. Segundo Maciel, a retórica das secas é o exemplo mais banal de como se pode construir um discurso carregado de negatividade a partir dos elementos paisagísticos marcantes da região. Nesse sentido, o pesquisador questiona: “quem não reconhece facilmente o Nordeste seco através das imagens dramáticas de um açude esgotado ou da desolação de uma família de trabalhadores rurais diante da caatinga ressequida? (apud MORAES, 2010, p 91).

O Nordeste é apontado como uma das regiões mais ricas de autores/criadores que traduzem as diversas manifestações populares através da música, com um discurso abrangente e muitas vezes político sobre os problemas de cada região- estados. Tomemos

como exemplo o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, o compositor Catulo da Paixão Cearense, o maranhense João do Vale e o poeta cearense Patativa do Assaré, que talvez sejam os autores das mais representativas canções com narrativas sobre a seca desde a década de 1940, quando nasceu a clássica Asa Branca que segue sendo o hino do nordestino, mas com um novo olhar contemporâneo, sem mais apelo dramático.

Através das letras e músicas pungentes, ambos denunciaram, de forma poética, os nós que, historicamente, a seca provoca na rotina de populações atingidas, mas nenhum deles jamais deixou de lançar um olhar esperançoso sobre o problema. Nos versos da clássica Asa Branca (1947), parceria de Luiz Gonzaga com Humberto Teixeira, os autores engatam a seca com dor, perda e lamento: “Quando olhei a terra ardendo/ Qual fogueira de São João/ Eu perguntei a Deus do céu, ai/ Por que tamanha judiação/ Que braseiro, que fornaia /Nem um pé de prantação/Por falta d’água perdi meu gado/Morreu de sede meu alazão”

Na maior parte de sua obra, o Rei do Baião traduziu de fato, as alegrias e as dores dos sertanejos, sempre desenhando o cenário real dos vários sertões do semi-árido. Em Vozes da Seca (1963), uma toada-baião que trafega numa mistura de discurso político e manifesto, Luiz Gonzaga e Zé Dantas coletivizam os apelos, num grito de desilusão, pelo viés político: “Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barragem/ Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage/livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiagem(...) / Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage”. Como se nota nos versos da canção, a linguagem ou sotaque nordestino, é uma variante da língua portuguesa que se destaca pela sua riqueza de expressões, gírias e pronúncias específicas, características da região Nordeste do Brasil.

Já em Súplica Cearense, uma das músicas mais marcantes sobre as dificuldades do povo nordestino, foi composta por Gordurinha (Waldeck Artur Macedo) e Nelinho. Ela é conhecida por retratar o drama das secas e das fortes chuvas que assolam a região. A dupla fez a música no camarim e apresentaram ao vivo. Posteriormente, foi regravada por Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Elba Ramalho, Fagner e em 2014, ganhou nova interpretação do grupo jovem Falamansa, em homenagem ao rei do baião.

A letra seguem também em tom de apelo emocional: “Oh! Deus, perdoe este pobre coitado/ Que de joelhos rezou um bocado/ Pedindo pra chuva cair sem parar/ Oh! Deus, será que o senhor se zangou/ E só por isso o sol arretirou/ Fazendo cair toda a chuva que

há(...)). Meio século atrás, as letras eram feitas com realismo sem deixar de evocar o sentimentalismo do sertanejo. No final dos anos 60, o Brasil ganhou a icônica e politizada Carcará, de João do Vale, que pontua também, o cenário da seca/inverno, usando a ave de rapina da família dos falconídeos como personagem central pra imprimir também cenas agonizantes da estiagem. (...) O sertão não tem mais roça queimada/Carcará mesmo assim num passa fome/Os burrego que nasce na baixada/Carcará, pega, mata e come”.

No começo dos anos 80, João compôs para um disco de Raimundo Fagner uma espécie de crônica-canção que a batizou de Orós 2, neste caso confronta os estragos da seca e da cheia no Nordeste: “Não é só fala de seca/ Não tem só seca no sertão / Quase acabava meu mundo/ Quando o Orós impanzinô/ Se rebentasse matava/ Tudo que a gente plantô/ Se não é seca é enchente.”

No campo da música nordestina, há sempre expressões de uma realidade muitas vezes sofrida, mas costuradas em seus versos com irreverência e criatividade. Na escalada de grandes temas, no livro Luiz Gonzaga: A música como expressão do Nordeste, José Farias dos Santos (2004) sintetizou os temas-chaves da canção nordestina em quatro: crueldade da seca e migração; proteção divina; relação homem-natureza e desejo de retorno e contraste-rivalidade entre Nordeste e Sudeste.

A geração da chamada MPB surgida na transição de década de 60 para 70, bebeu na fonte do rei do baião, a exemplo de Fagner, Belchior, Zé Ramalho, Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Djavan - todos nordestinos, mantiveram os discursos de seu ídolo, mas também deram nova roupagem em alguns clássicos e, ainda, carimbaram novo olhar direcionado aos problemas do semiárido nordestino, como lugar de vivência e de fala na obra de cada autor, Natural de Alagoas, em seus primeiros discos, Djavan já vivendo no Rio de Janeiro, mergulhava em outras searas de estilos, mas não deixou de enfatizar a poética nordestina em sua obra.

No disco Malásia (1996) com sacadas jazzísticas e abordagens rurais (através da regravação de Correnteza, de Tom Jobim), traz também a bela e descritiva Seca. Nela, o compositor questiona, perante Deus, o fenômeno e suas consequências: “A terra se quebrando toda /A fome que humilha a todos/Vida se alimenta de dor/Que pobre povo sem socorro/ Por que será que Deus pôs ali/O ser pra ser assim sofredor/Sob a brasa do sol padecer/O desdém do poder fingido/ Sem saber o que é ser feliz”.

Em pleno século XXI, a região nordestina continua abrindo diálogos em suas letras sobre seu cenário e sua gente e seus problemas, mas também sobre as manifestações culturais. Curiosamente, as canções mais contemporâneas saem do foco nordestino e se espalha por outras geografias. Em seu disco batizado de Carbone, Lenine (2015), em parceria com o compositor e jornalista Carlos Rennó, descreve em *Quede a água? a seca* que ultrapassa os limites do sertão nordestino e migra para outras regiões Sudeste: “A seca avança em Minas, Rio, São Paulo/O Nordeste é aqui, agora/ No tráfego parado onde me enjaulo/ Vejo o tempo que evapora (...)” A canção é bem imagética, relacionando passado com o presente, mas no mesmo horizonte do fenômeno da estiagem, para exprimir os novos aspectos da seca que brota no semiárido, e avança nas metrópoles brasileiras.

Considerações finais

No panorama do cancioneiro nacional, vale perguntar que papel as palavras desempenham numa canção. Diante das temáticas que traduzem o semiárido, é notório que, em cada composição, seus autores não escondem o sentimento de lamentação e a condição de pertencimento sobre a realidade de seu povo. Como veículo de comunicação de massa, o cancioneiro, com suas letras e melodias, ajuda a preservar a memória e a identidade cultural do semiárido. Além disso, serve como um instrumento de denúncia social e resistência. As músicas podem abordar temas como a seca, a exploração, a desigualdade e a falta de políticas públicas, denunciando as dificuldades enfrentadas pela população do semiárido.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KÜNSCH, Dimas Antônio. *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume, 2000
- MORAES, Fabiana. **Os Sertões** – um livro reportagem. Recife: Ed, Cepe, 2010.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 2002.
- SANCHES NETO, Miguel. Dossiê letras Secas de Graciliano: no meio do caminho tinha um estilo de Pedra. In: **Revista Entre Livros**: Ano 2, nº19, São Paulo: 2006, Ed Duetto.
- SANTOS, JOSE FARIAS. **Luiz Gonzaga**: A música como expressão do Nordeste. São Paulo: Ibrasa: 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de - *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1966. P. 25
- VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Fortaleza/CE - 26 a 28/06/2025